

Rádio reassume protagonismo em situações extremas

Debora Cristina Lopez, Marcelo Kischinhevsky e Lena Benzecry

Enquanto escrevíamos estas linhas, nos primeiros dias de novembro de 2020, o Brasil registrava mais de 5,5 milhões de pessoas contaminadas e mais de 160 mil mortes pela Covid-19. Depois de oito meses de medidas restritivas, recomendações de isolamento social, uso de máscara e ampliação da higienização das mãos a população lida com cansaço e fragilidades emocionais e começa a flexibilizar os cuidados, à medida que os números de vítimas davam sinais de desaceleração. Enquanto isso, na Europa, a pandemia que parecia controlada voltava a lotar hospitais e países como Espanha e França reiniciavam as ações de combate à difusão do vírus.

A pandemia do novo coronavírus alterou de forma profunda o cotidiano da população, em um processo que ainda está por ser devidamente estudado e que terá repercussões sociais, econômicas e culturais de longo prazo. Por tabela, afetou também os meios de comunicação e em particular o rádio, que tradicionalmente assume protagonismo em situações extremas, mas que desta vez precisou se reinventar. Entre os desafios, estão as rotinas produtivas, que exigem novos cuidados com a saúde de equipes, e o crescimento dos circuitos de desinformação, tendo como alvo sobretudo o conhecimento científico e a mídia profissional.

>> Como citar este texto

LOPEZ, D.C. ; KISCHINHEVSKY, M. ; BENZECRY, L. Rádio reassume protagonismo em situações extremas. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana** - MG, v. 11, n. 02, p. 07-14, mai./ago. 2020.

Sobre a Equipe Editorial

Debora Cristina Lopez

debora.lopez@ufop.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-1030-1996>

Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela UFBA, é autora de *Radiojornalismo hipermediático* (Covilhã, Portugal: Livros Labcom, 2010). Professora dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e de Ouro Preto (UFOP), onde também leciona na graduação de Jornalismo, coordena o Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo e o Laboratório de Inovação em Jornalismo. Ao lado do Prof. Marcelo Kischinhevsky coordena o GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom.

Marcelo Kischinhevsky

marcelok@forum.ufrj.br

<https://orcid.org/0000-0002-4838-2162>

Doutor e mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é diretor do Núcleo de Rádio e TV da mesma instituição, onde leciona nos cursos de Rádio e TV e Jornalismo. É também professor do PPGCom da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Seu livro mais recente é *Radio y medios sociales – Mediaciones e interacciones radiofónicas digitales* (Barcelona: UOC Ed., 2017).

Lena Benzecry

lena.benzecry@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-1258-8123>

Doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ é autora do livro *O samba no rádio: do Rio para o Brasil* (Curitiba: Ed. Appris, 2017). Desenvolve estágio pós-doutoral na ECO-UFRJ e é pesquisadora do Núcleo de Rádio e TV na mesma instituição.

Historicamente, em cenários de catástrofe, o rádio deixa de lado sua função de relógio da vida cotidiana, de articulação entre espaços públicos e privados, entre o âmbito doméstico e a cidade (WINOCUR, 2002, p. 175), para resgatar seu papel precípua de prestação de serviços de utilidade pública, de ordenação e difusão de informações que podem salvar vidas. A radiofonia tem a capacidade de operar, em situações-limite, como pandemias, enchentes, desabamentos, terremotos, furacões, incêndios e desastres, a costura de um tecido social mais ou menos esgarçado, convocando a ação das autoridades, informando e narrando os acontecimentos, mobilizando a empatia e a solidariedade. Apesar disso, raros são os esforços de pesquisa no sentido de compreender as múltiplas dimensões dessa atuação. Temos reflexões esparsas sobre o papel do rádio em situações extremas, como o histórico apagão em Florianópolis (SANTOS NETO, 2015) ou o terremoto de 2010 no Chile (GUTIÉRREZ-ATALA e PACHECO-CRUZES, 2011).

Pela abrangência, contudo, a pandemia do novo coronavírus mobilizou esforços das mais diversas áreas de conhecimento. Assim como nas ciências da saúde, observa-se um crescimento nas publicações que tratam da pandemia e de seu impacto na comunicação em múltiplas perspectivas. O consumo de rádio aumentou, e isso se deve, entre outros fatores, ao crescimento da demanda informativa gerado pela catástrofe (RODERO, 2020). A autora lembra que durante a atual crise sanitária, o confinamento favoreceu principalmente a televisão, ampliando sua concorrência com o rádio. Para Rodero (2020, p. 3), que enfocou as variações de consumo de rádio na Espanha durante a pandemia, o meio apresenta duas vantagens sobre a televisão: sua credibilidade e a influência psicológica sobre a audiência, derivada principalmente de sua organização narrativa sonora e da proximidade que estabelece com os ouvintes. A autora destaca tanto a ampliação do período de escuta quanto da variedade de programas, principalmente informativos. Na Espanha, o rádio é visto como o meio de maior credibilidade e o que melhor aborda o tema.

O protagonismo do rádio foi observado também por Costales e Bergantiño (2020) em Cuba. Segundo os autores, os radiodifusores cubanos se articularam em produções colaborativas e dialogaram diretamente com a audiência, privilegiando informações sobre a Covid-19 em detrimento de conteúdos esportivos ou musicais. Através desta estratégia, foi possível ampliar a difusão de informações atualizadas e de utilidade pública a comunidades isoladas, integrando também elementos de construção narrativa e difusão de conteúdo em plataformas digitais. O cenário apresentado pelos

autores revela que mesmo diante de desafios que impõem mudanças de procedimentos, rotinas e formas de contar a história, a construção e o acionamento de protocolos de resposta a desastres nacionais podem integrar o meio à linha de frente das ações de combate ao avanço do vírus.

No Brasil, o consumo de rádio também aumentou. Segundo o estudo “Inside Radio 2020”, da Kantar Ibope Media, 75% dos ouvintes mantiveram ou aumentaram o tempo de escuta e 17% indicaram ouvir muito mais rádio após a adoção das medidas de isolamento social. Entre os consultados, três a cada cinco escutaram rádio diariamente, em média 4h41. Os maiores impactos residem nas formas de consumo. Segundo a pesquisa, 78% dos entrevistados escutam rádio em casa e 18% no carro. Além disso, 81% utilizam o aparelho de rádio; 23%, o celular; 3%, o computador; e 4%, outros equipamentos. Um dado da pesquisa revela a conexão com a audiência e a compreensão das demandas do público por parte das rádios: a geração de conversas em redes sociais. Segundo o Inside Radio 2020, os tweets sobre rádio aumentaram 77% entre março de abril deste ano. Já a audiência em podcasting teve aumento mais expressivo. De acordo com a Voxnest (2020), o aumento foi de 42% em nível global, com destaque para Turquia, Índia, Colômbia, Argentina e Brasil. Houve ainda aumento expressivo na Europa (53%), inclusive em países que adotaram lockdown, como Itália (29%) e Espanha (25%), com forte redução na mobilidade urbana – uma das chaves para o consumo de podcasts.

A ampliação do consumo de rádio durante a pandemia, aponta o estudo da Kantar, tem relação com o caráter companheiro do meio, pelo diálogo e pela diversidade de conteúdo oferecido e plataformas ocupadas. Serviços de streaming e podcasts foram acessados, respectivamente, por 46% e 24% dos ouvintes, reiterando tanto o potencial informativo quanto de entretenimento do meio.

Uma das principais forças do rádio nos momentos de enclausuramento e isolamento social é que uma das bases de funcionamento como instituição social e cultural é sua capacidade de gerar “co-presença”. É a sensação que temos quando ligamos o rádio, de que outros fazem o mesmo, que escutam quando nós escutamos.¹

As características do rádio – seu alcance, sua proximidade, seu potencial de engajamento – levaram-no a enfrentar os desafios impostos pela pandemia em frentes di-

¹ No original: “Una de las principales fortalezas de la radio en estos momentos de encierro y aislamiento social es que una de las bases de funcionamiento como institución social y cultural es su capacidad para generar ‘co-presencia’. Es esa sensación que tenemos cuando encendemos la radio de que hay otros que hacen lo mismo, que escuchan cuando nosotros escuchamos”. Tradução nossa.

versas. Das aulas pelo rádio para alunos em isolamento social e sem conexão à internet no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina ou na Paraíba (ONDA RESISTENTE, 2020) às adaptações dramatizadas das informações de utilidade pública, o meio se reinventou e enfrentou os desafios para cumprir seu compromisso com a sociedade.

As aulas pelo rádio já foram realizadas em catástrofes anteriores, como o surto de ebola na África entre os anos 2013 e 2016 ou o terremoto chileno em 2010. Antes disso, no início do rádio brasileiro, havia ações de educação pelo dial. Edgard Roquette-Pinto desenvolvia ações como estas na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro nos primeiros anos do meio no Brasil. Ações posteriores, como o Movimento de Educação de Base, o Projeto Minerva e o Programa Escola Brasil marcam a perenidade (ainda que não predominância) da relação entre educação e radiodifusão. Roseane Andrelo (2012) demonstra que a educação pelo rádio esteve presente na trajetória do meio através de diversas iniciativas que incluem projetos e ações de implementação de rádio escola.

A academia também respondeu ao desafio de repensar o rádio desenvolvendo projetos que dialogam com a comunidade local, como o “Checagem da Hora”², da Universidade Federal de Santa Maria – campus Frederico Westphalen, que verifica boatos e desinformações que circulam na região, esclarece e debate ciência em colaboração com emissoras da região do Médio Alto Uruguai (RS). A desinformação também pauta o programa “Coronavírus em Xeque”³, da Rádio Paulo Freire (UFPE), que monitora *fake news* que afetem diretamente o dia-a-dia do público em redes sociais para discutir e desconstruir a desinformação.

A informação de utilidade pública, inscrita no DNA do rádio, também protagoniza a produção sonora durante a pandemia de coronavírus. Seja nas produções locais, em emissoras comunitárias ou em produções universitárias, as recomendações sanitárias faziam parte do dia-a-dia das programações. Programas como “Auto da Compadecida em tempos de pandemia”⁴ e “Manda no zap: bodega do Seu Mané”⁵, produzidos pela Universidade Federal de Pernambuco, lançam mão de estratégias narrativas ficcionais para formar e informar com perspectiva de prestação de serviços. Produções voltadas para o público infantil, como “O Coronavírus chegou, e agora? O que as crianças querem

2 <https://www.ufsm.br/midias/experimental/agencia-da-hora/checagem-da-hora/>

3 <https://sites.ufpe.br/rpf/coronavirus-em-xeque/>

4 <https://sites.ufpe.br/rpf/saude-e-o-tema/manda-no-zap/>

5 https://open.spotify.com/episode/oFYZbQwRyWOioIFDTLHO7g?si=OVR38vcRQwuIvTM9Aq_oww

saber?”⁶ e “Curiá”⁷ exploram as dúvidas das crianças e acionam estratégias narrativas e práticas produtivas do jornalismo para ampliar o alcance das informações de serviço de uma emissora e de um projeto de extensão universitários.

As ações vão além das produções sonoras. Pesquisadores brasileiros e estrangeiros têm trabalhado para compreender o fenômeno da pandemia e suas implicações no rádio sob os mais variados ângulos e divulgado esse conteúdo em livros, artigos e eventos. O Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora, da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), promoveu debate sobre “O rádio na crise da Covid-19”, como parte da série de Lives Cátedra Intercom, no dia 4 de junho de 2020⁸. O Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor) e o Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFOP realizaram o “Ciclo de Debates – Desafios da Comunicação frente à pandemia”⁹ entre os meses de abril e junho. O Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Mato Grosso promoveu o debate “Desafios do rádio informativo na cobertura local em tempos de pandemia”¹⁰ no dia 14 de outubro.

Nos últimos meses observamos esforços consolidados em livros que buscam apoiar o ensino-aprendizagem de rádio e o letramento midiático, como o livro eletrônico de professores, jornalistas e radialistas colombianos que reúne textos, infografia e áudios sobre as possibilidades expressivas e informativas da radiofonia (ANGRINO e BALLESTEROS, 2020) e os *ebooks* de ampla circulação *Covid-19 e comunicação, um guia prático para enfrentar a crise*, com versões em português, espanhol e inglês (FERRARETTO e MORGADO, 2020a, 2020b e 2020c) e *Dez passos para o ensino emergencial no rádio em tempos de Covid-19* (FERRARETTO e MORGADO, 2020d), lançados pelo Núcleo de Estudos de Rádio (NER) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Todos gratuitos, de livre acesso.

O dossiê “Rádio e Catástrofes” é também resultado desse esforço coletivo do universo acadêmico para fazer frente à catástrofe sanitária e humanitária causada pela pandemia, buscando compreender as mudanças da ecologia midiática, nas práticas e nas relações

6 <https://radio.ufop.br/noticias/covid-19-o-que-criancas-querem-saber>

7 https://open.spotify.com/show/4S3dh3RONux3zIqhVPztQt?si=FM_QgbpFQjeKd3t8_bNN8g

8 A íntegra está disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=eqZoZNAp\]bA&t=3453s](https://www.youtube.com/watch?v=eqZoZNAp]bA&t=3453s). Acesso em: 13/9/2020.

9 A íntegra está disponível em: <https://www.conjor.com.br/ciclo-de-debates-2020>. Acesso em: 04/11/2020.

10 A íntegra está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tB1cmfxwS-I&feature=youtu.be>. Acesso em: 14/11/2020

do meio com a sociedade. A diversidade das produções reside na abordagem e nos objetos, mostrando mais uma vez a sua complexidade como fenômeno comunicacional.

No primeiro artigo, Luiz Artur Ferraretto (UFRGS) constrói uma abordagem histórica e contextualizada ao tratar da pandemia no artigo "Responsabilidade e negacionismo: apontamentos sobre o rádio brasileiro em tempos de Covid-19". Partindo da economia política da comunicação, analisa ações de empresários, gestores e profissionais de rádio no cenário de crise política e sanitária em que se insere o rádio em 2020.

Na sequência, em "O papel das rádios comunitárias gaúchas na pandemia do novo coronavírus: sintomas do adoecimento da fala popular", Vanessa Costa de Oliveira (UNISC) e Patrícia Regina Schuster (UNISC) olham para a pandemia a partir da noção de acontecimento para debater o caráter comunitário e a relação com a audiência.

Em "Desafíos para hacer radiocomunicación en tiempos de pandemia y aislamiento social – La participación como alternativa para construir una radio con todos y para todos", as pesquisadoras cubanas Mailé Hernandez (Universidad Central Marta Abreu de Las Villas) e María Teresa Cabellero Rivacoba (Universidad Ignacio Agramonte de Camagüey) discutem modelos de participação da audiência a partir da comunicação de risco em situações de emergência, a partir da experiência de uma tradicional emissora de Cuba.

Em outra perspectiva internacional, Fabíola Ortiz dos Santos (Duisburg-Essen University) e Antonio Brasil (Dortmund University/UFSC) tratam do papel do meio em regiões com menor infraestrutura e extrema pobreza e os desafios da comunicação de risco neste cenário, no artigo "Broadcasting the Covid-19 pandemic in Central Africa: A content analysis of a United Nations Peacekeeping radio".

Rafael Ferreira Medeiros (UFMS) e Graziela Mello Vianna (UFMG) olham para o que denominam "acontecimentos extremos". No artigo "Ecos de uma tragédia anunciada: a cobertura de acontecimentos extremos pelo rádio local", falam sobre as narrativas da Rádio Itatiaia sobre o rompimento da barragem da Samarco em Mariana (2015) e a pandemia de Covid-19 (2020), debatendo questões como proximidade e representação de vivências pessoais.

O público também protagoniza o artigo "Temas de cobertura do início da pandemia em entrevistas e na participação de ouvintes em uma emissora do interior: Estudo de um programa jornalístico da Rádio Cultura de Timbó (SC)", de Arnaldo Zimmermann (UFSC), Eduardo Meditsch (UFSC) e Valci Zuculoto (UFSC). Ao estudar uma emissora

do interior de Santa Catarina, os autores acionam perspectivas como participação e diálogo com a audiência a partir da tematização, tensionando pautas e abordagens da cobertura da emissora.

Giovana Borges Mesquita e Sheila Borges de Oliveira, da UFPE, também olham para o rádio local quando analisam a presença da prestação de serviços nas rádios Cultura e Jornal de Caruaru. Em "O rádio e a prestação de serviço no Agreste de Pernambuco em tempos de pandemia", o objetivo é entender como a utilidade pública, inscrita nas características essenciais do meio, atua na cobertura jornalística da pandemia.

O artigo de João Batista Abreu (UFF) olha para outra crise sanitária brasileira, a epidemia de meningite meningocócica em São Paulo entre os anos 1971 e 1974, alvo de um processo de silenciamento. Em "Quando o silêncio afeta os ouvidos: As notas da censura durante a ditadura e suas consequências no cotidiano", o autor aborda discursivamente as disputas de sentido do período, a partir de documentos, entrevistas e o relato da própria experiência naquele acontecimento.

A entrevista com Márcia Franz Amaral (UFSM) encerra o dossiê Rádio e Catástrofes. Realizada por Mirian Redin de Quadros (UFSM-FW), aborda perspectivas conceituais e discursivas da cobertura jornalística de desastres e aproxima-se do rádio e de seu papel em acontecimentos catastróficos. Ampliando o olhar sobre o que define esses acontecimentos, pensados como irrupções inesperadas que ferem a normalidade cotidiana, Márcia Franz Amaral discute o papel do jornalismo no processo de reordenação social, a atuação antes e depois do acontecimento, a compreensão da sua complexidade nas práticas comunicacionais e os potenciais do rádio nestas coberturas.

Ainda nesta edição, Rodrigo Martins Aragão (UFPB) assina a resenha "As disputas pela constituição do campo e da identidade profissional do radialista". No texto, o autor destaca a importância e a necessidade do debate apresentado no livro "Radialismo no Brasil: Profissão, currículo e projeto pedagógico", escrito por Norma Meirelles (UFPB) e publicado pela editora Insular.

A segunda edição de **Radiofonias** traz, em seu dossiê, um retrato da diversidade do rádio, circulando por abordagens como o ensino, o jornalismo, a utilidade pública, a história e as interfaces com contextos políticos, econômicos e organizacionais. O rádio, mais uma vez, protagoniza o acontecimento e contribui para a (re)organização social.

Boa leitura!

Referências

ANDRELO, Roseane. O rádio a serviço da educação brasileira: uma história de nove décadas. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 12, n. 47, p. 139-153, 11.

ANGRINO, Daniel, BALLESTEROS, Tito (coord.). **Radio y coronavirus**: Aprendizajes del medio de comunicación en tiempos de pandemia. Colômbia, jul. 2020. Recurso digital disponível em: <https://drive.google.com/file/d/133Wsv4d0Bu4ZD4Jywp1o3BMmkUWDC1B2/view>. Podcasts disponíveis em: https://br.ivoox.com/pt/podcast-radio-coronavirus_sq_f1955407_1.html.

COSTALES PÉREZ, Zenaida; BERGANTIÑO, Lys Máriam Alfonso. La radio: vacuna sonora contra la Covid-19 en Cuba. **Question/Cuestión**, Vol. 2, N° 66, Agosto 2020.

ESPADA, Agustín. Escuchar la radio para romper el aislamiento. **Question/Cuestión**, 1 maio, 2020. <https://doi.org/10.24215/16696581e300>

FERRARETTO, L. A.; MORGADO, F. **Covid-19 e comunicação: um guia prático para enfrentar a crise**. Rio de Janeiro: Válega, 2020a. 62p. Disponível em: <http://bit.ly/livroner>.

FERRARETTO, L. A.; MORGADO, F. **Covid-19 y comunicación, una guía práctica para enfrentar la crisis**. Rio de Janeiro: Válega, 2020b. 62p. Disponível em: <http://bit.ly/libroner>.

FERRARETTO, L. A.; MORGADO, F. **Covid-19 and communication: a practical guide to face the crisis**. Rio de Janeiro: Válega, 2020c. 62p. Disponível em: <http://bit.ly/bookner>.

FERRARETTO, L. A.; MORGADO, F. **Dez passos para o ensino emergencial no rádio em tempos de COVID-19**. Rio de Janeiro: Válega, 2020d. 45p. Disponível em: <https://bit.ly/dezpassosner>.

GUTIÉRREZ-ATALA, F., PACHECO-CRUCES, C. Las "audiencias activas" y su impacto en las rutinas profesionales del periodismo chileno: el caso de radio Bío Bío tras el megaterremoto de febrero del 2010. *Contratexto*, (019), 195-212, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.26439/contratexto2011.n019.192>.

INSIDE RADIO 2020: no ritmo da transformação. **Kantar Ibope Media**. 2020. Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/estudos-type/inside-radio-2020/>, acesso em: 30/10/2020

ONDA RESISTENTE: Centenário, rádio vira protagonista em catástrofes e viabiliza aulas onde conexão não chega durante pandemia. **UOL**. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/centenario-radio-viabiliza-aulas-onde-conexao-nao-chega-durante-pandemia/>, acesso em 04 nov. 2020.

RODERO, Emma. "Radio: the medium that best copes in crises. Listening habits, consumption, and perception of radio listeners during the lockdown by the Covid-19". **El profesional de la información**, v. 29, n. 3, 2020.

SANTOS NETO, Helena Iracy Cerquiz. Análise do discurso radiofônico: o acontecimento apagão em Florianópolis. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem), Universidade do Sul de Santa Catarina, 2015.

VOXNEST. State of the Podcast Universe – 2020 Mid-Year Preview. Disponível em: https://mcusercontent.com/38445fb7288a06856872a31cf/files/0d292c4f-bb44-457f-bd3c-e2c822b928ef/Voxnest_2020_Mid_Year_Preview_Report.pdf?mc_cid=2c70176619&mc_eid=3954ad4644. Acesso: 16/9/2020.

WINOCUR, Rosalía. **Ciudadanos mediáticos**: La construcción de lo público en la radio. Barcelona: Gedisa, 2002.